

Revolução que o Governo promete no ensino começará pelo currículo

A partir do 2º ano do Segundo Grau, aluno já poderá optar por área de interesse

Ricardo Miranda

• BRASÍLIA. Roberto Jorge Cunha Chaves Filho, o Robertinho, de 16 anos, aluno do segundo ano do Segundo Grau do Colégio Objetivo, gosta de música e detesta matemática e física. A cada nova fórmula e equação, Robertinho, neto do ex-ministro da Educação Jairzinho, tem a mesma sensação: está perdendo seu tempo. Amigo de Robertinho, Gustavo Chagas, de 17 anos, estuda no Colégio Marista, também no segundo ano. Seu forte é física e química e suas piores notas são em português e história. Gustavo quer fazer engenharia civil e não entende por que é obrigado a decorar tantos nomes e datas históricas. Alunos de uma geração que aprendeu a equilibrar seus interesses com boas e más notas no boletim, Roberto e Gustavo estão entre os últimos estudantes a enfrentar o atual currículo. O Ministério da Educação (MEC) vai pôr em prática, a partir do próximo ano, uma revolução no ensino de Segundo Grau nas escolas brasileiras: o estudante poderá escolher os módulos de matérias que vai cursar.

Entre as novas disciplinas, informática e meio ambiente

É a principal mudança curricular nas escolas brasileiras nos últimos 25 anos. Os pais de Roberto e Gustavo ainda se lembram de uma outra época, até 1971, quando o ensino médio dividia os alunos em duas áreas específicas: clássico e científico. E de matérias que não existem mais, como canto orfeônico (noções de teo-

ria musical e canto coral) no Primeiro Grau e filosofia e latim no Segundo Grau.

O novo currículo vai ganhar, entre outros assuntos, informática e meio ambiente.

Pelo projeto do MEC que está sendo finalizado para ser encaminhado ao Conselho Nacional de Educação, todo o currículo de ensino médio será alterado. A partir do segundo ano do Segundo Grau, e a cada semestre, o aluno poderá escolher entre cinco módulos do grupo de interesse que queira: artes e comunicação (envolvendo basicamente educação artística e português); ciências exatas (física, química e matemática); ciências da vida (biologia, meio ambiente e geografia); ciências sociais e econômicas (história e economia); e línguas estrangeiras e literatura, que incluirá ainda gestão em escritório e informática.

O aluno poderá concluir o Segundo Grau sempre no mesmo módulo ou, se desejar, mudar de área a cada semestre. Em qualquer dos módulos o aluno continuará recebendo todas as disciplinas básicas do Segundo Grau. A diferença estará justamente na carga horária e no conteúdo.

— Ninguém vai deixar de estudar matemática, mas vai concentrar os estudos em áreas de interesse e aptidões. Até que ponto interessa a um aluno que quer fazer comunicação social ou artes

o conhecimento de trigonometria? Mas ele pode precisar, por exemplo, de noções de análise combinatória. É isso que vamos decidir — explica Rui Leite Berger Filho, diretor do Departamento de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação Média e Tecnológica do MEC.

Segundo ele, as mudanças preparadas no ensino médio devem ocorrer de forma gradual. Não devem ser atingidos os alunos que já estão cursando o Segundo Grau. E será estabelecido um prazo para que os sistemas estaduais de ensino se enquadrem no novo modelo.

O novo currículo para o Segundo Grau vai desencadear mudanças também no vestibular. O Ministério da Educa-

ção já estuda uma forma de inverter o que considera um dos maiores erros do ensino brasileiro.

— Não dá para subordinar o Segundo Grau ao vestibular. Hoje o que determina o conteúdo do Segundo Grau, principalmente no terceiro ano, é o vestibular. É uma inversão completa — critica Rui Leite.

A idéia do MEC, em conjunto com as universidades — que têm grande autonomia curricular — é mudar o vestibular, dando pesos diferentes para disciplinas diferentes.

Além da mudança curricular no Segundo Grau, o Ministério da Educação prepara uma reforma

no ensino técnico no país. Em fevereiro o Governo enviará um projeto de lei ao Congresso separando o ensino médio do ensino técnico, que terá caráter complementar e será ministrado após o Segundo Grau.

— Queremos elevar a formação do técnico a um patamar mais adequado às mudanças econômicas e tecnológicas do país — explica Rui Leite.

Ensino técnico terá centros específicos por estado

De acordo com o projeto do MEC, seriam criados em todo o Brasil, junto com os estados e municípios, centros de educação específicos para o ensino técnico. Hoje as escolas técnicas federais atendem a 130 mil alunos em todo o país. Esses centros formariam profissionais nas áreas industrial, elétrica, eletrônica, de prestação de serviços e informática. A forma da expansão e o número de vagas a ser oferecido estão em estudos. O MEC espera que o projeto seja aprovado ainda este ano.

O MEC também deflagrará este ano uma avaliação da qualidade dos cursos superiores oferecidos pelas universidades. A avaliação deverá começar pelos cursos de medicina e engenharia civil e poderá levar ao descredenciamento de cursos de graduação e até de universidades. Um dos mecanismos em estudo no Ministério para detectar os cursos sem um mínimo de condições é submeter os formandos a um teste de avaliação — uma idéia inspirada em projeto do senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ). ■